

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUATRO VISTAS DE OTAR IOSELIANI
26 e 29 de Fevereiro de 2024

CHANT D'HIVER / 2015

um filme de OTAR IOSELIANI

Realização e Argumento: Otar Iosseliani / **Fotografia:** Julie Grünebaum / **Montagem:** Otar Iosseliani, Emmanuelle Legendre / **Som:** Anne le Campion / **Música:** Nicholas Zourabichvili / **Cenários:** Denis Champenois, Vaja Jalaghania / **Guarda-roupa:** Maira Ramedhan Levi, Anna Kalatozishvili / **Interpretação:** Rufus (o porteiro), Amiran Amiranashvili (antropólogo), Enrico Ghezzi (barão), Mathieu Amalric (construtor), Pierre Étaix (cúmplice), Altinaï Petrovitch-Njegosh (a rapariga frívola), Sarah Brannens (vizinha), Fiona Monbet (violinista), Claudine Acs (a condessa), Mathias Jung (Polícia), Tony Gatlif

Produção: Pastorale Productions, Studio 99 (França, Geórgia) / **Cópia:** DCP, cor, versão original em francês, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 117 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 9 de Agosto de 2015, Festival de Locarno / **Estreia Mundial:** 25 de Novembro de 2015, França / Primeira apresentação em Portugal: LEFFEST'15, Prémio especial do júri João Bénard da Costa / Sem estreia em comercial Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Nesta que foi a sua décima terceira e última longa-metragem, Otar Iosseliani (1934-2023) encerra um corpus de cinema que se revela invariavelmente como uma parábola sobre o mundo moderno. Privilegiando uma dimensão simultaneamente burlesca e crítica sobre a contemporaneidade, os seus filmes estão, como **Chant d'Hiver**, repletos de figuras como aristocratas falidos, pequenos delinquentes, traficantes de armas, representantes da autoridade, ou sem-abrigo (entre os quais voltamos a encontrar aqui o realizador/actor Pierre Étaix, que tivera um papel em **Chantrapas**). Do mesmo modo, Iosseliani revela sempre a sua preferência por uma certa marginalidade associada a uma ideia de liberdade, e **Chant d'Hiver** não é de todo uma excepção.

Tal faz parte do espírito anárquico do cinema de Iosseliani, que recusa a formatação dos modelos habituais, deixando muito em aberto em narrativas complexas assentes em *gags* cuidadosamente construídos, e em que é clara uma preferência pela linguagem não verbal. Embora centrado no presente e num lugar concreto, **Chant d'Hiver** envolve uma mistura de personagens e de temporalidades, pois vários dos seus actores comparecem em tempos e espaços diferente, criando alguma confusão ao espectador. Fazem assim parte de uma comédia humana, que é indissociável de uma muito coreografada *mise-en-scène*, que se desenvolve invariavelmente em planos gerais, que são, mais uma vez, espaço de uma enorme liberdade.

Uma breve sequência de abertura, que expõe a violência da Revolução Francesa e o seu “banho de sangue” – as palavras são de Iosseliani –, revela como, mesmo face ao horror da guilhotina, o cineasta não abdica de um tom burlesco e do humor corrosivo. O mesmo

acontece com a sequência seguinte que retrata uma guerra, com as suas pilhagens, saques, o massacre de inocentes, em que é claro o enfoque sobre a crueldade, a atrocidade e o absurdo de uma guerra, de qualquer guerra. Sobre a guerra como motivo recorrente nos seus filmes, Iosseliani confessou numa entrevista à revista *Film Comment* em 2015, a propósito da estreia do filme no Festival de Locarno: “A guerra é sempre inútil, não muda nada. Guerra entre vizinhos, entre partidos políticos, entre Estados, guerra para conquistar territórios – não tem utilidade nenhuma. Os cineastas têm feito pouco da guerra, troçado dela, logo na Primeira Guerra Mundial, logo com Chaplin.”

E se é clara a gravidade e a violência expressa no início de **Chant d’Hiver**, o tom é sempre de comédia, ou não estivéssemos no cinema de Iosseliani. A cabeça guilhotinada do visconde que conserva intacto o charuto na boca (e que reaparecerá muitos anos mais tarde na casa do antropólogo), ou a cena do soldado que toca uma balada ao piano no meio de escombros, traduzem a sua procura de conciliação de dois mundos irreconciliáveis, ou a assunção do escárnio como única atitude possível face à figuração da violência extrema. E o resultado é perturbador. Nestes primeiros vinte minutos de filme, que funcionam como um preâmbulo ao que se vai seguir, estamos face a uma comédia muda, que praticamente dispensa a palavra. Uma comédia abstracta (como tão bem assinalou Ronald Bergan no *The Guardian*) assente numa ideia de absurdo da vida, em que se privilegiam os gestos em detrimento dos diálogos, preservando a herança de Jacques Tati, de Buster Keaton, ou de Pierre Étaix.

É esse mesmo absurdo que se estende ao tempo presente (a época contemporânea) em que se desenvolve a maior parte do filme. O centro em torno do qual gravitam as personagens é um pátio parisiense por onde circulam nobres falidos, que são expropriados pois a sua casa no campo é considerada monumento nacional e não têm meios para a preservar; um porteiro seu amigo de origens igualmente ilustres, que lhes explica como se trata da “luta de classes”; pequenos ladrões de rua que actuam em conjunto em coreografias extremamente cuidadas; um polícia poderoso, de cuja “janela indiscreta” observa e filma as casas dos restantes vizinhos, unindo as várias histórias. Mas encontramos também aqueles que vivem num parque em tendas improvisadas e destruídas por retroescavadoras da polícia, sob o olhar cego dos transeuntes que passeiam os cães ou daqueles que fazem aulas de Tai-chi, mesmo ali ao lado.

Continuamos face a um mesmo teatro da crueldade do início, mas aqui com outras personagens e situações, que em vários momentos confluem no domínio da pura fantasia: o homem passado literalmente a ferro por um rolo compressor, como num desenho animado; o outro homem que cai num buraco do esgoto parisiense que desagua no campo. Cenário paradisíaco, com um lago e animais a pastar onde “Amalric” ergue uma pequena casa com as pedras soltas oriundas da velha mansão senhorial. Eis o possível final feliz para um filme repleto de sarcasmo, mas também de uma imensa melancolia e alguma esperança. Afinal, como *mostra* a dada altura este “Canto de Inverno”, o vento sopra para todos.

Joana Ascensão